

Cavaquinho de Portugal

(Texto incluído no LP/CDlivro “Praça do Comércio” de Júlio Pereira, 2017)

Actualmente, o termo “cavaquinho” designa em Portugal um cordofone de mão de pequenas dimensões (cerca de 33-34 cm comprimento de tiro de corda), montado com quatro cordas metálicas e escala rasa de doze trastos. A sua construção tradicional, ainda praticada por alguns violeiros, segue um método ibérico muito antigo, o que — do ponto de vista organológico — o situa entre os demais parentes da grande família das “violas”, chamadas “guitarras” no resto da península. O seu característico modo de tocar rasgado, utilizando as unhas da mão que desfere os golpes rítmicos, contribuiu definitivamente, por oposição ao antigo ponteado, para a progressiva popularidade dessa classe de instrumentos, a partir de finais do século XVI.

Este cavaquinho, também dito “minhoto”, o único tipo que sobreviveu na sua prática em Portugal, não teve sempre esse nome, passando a ser assim designado só a após 1822, como sugerem referências textuais do passado. O seu antigo nome “machinho”, que abrangia até à primeira metade de 1800 uma vasta área territorial litoral a norte do Tejo incluindo Lisboa, manteve-se apenas em certas regiões do Minho até pelo menos meados dos anos 1970. Sabemos hoje que o machinho está historicamente vinculado à região de Braga pelo menos desde o início do século XVIII, tendo sido produzido em Guimarães em 1719; em Vila Rica, Brasil em meados de 1700 por violeiro de Braga; e descrito por um estudante de Coimbra como instrumento predilecto de bracarenses em 1765. No entanto, esse machinho seria algo diferente do tetracórdio que hoje conhecemos.

Um outro tipo de cavaquinho frequentemente classificado como “de Lisboa” foi também utilizado nos grandes centros urbanos de Portugal continental a partir de 1850, chegando a ser construído e tocado ainda no século XX por escassos mas dedicados cultores. Esse “cavaquinho urbano” era montado com quatro cordas de tripa e a sua escala prolongava-se em ressaltado sobre o tampo com um número de trastos superior a doze.

Os mais antigos exemplares sobreviventes do cavaquinho com as características do tipo actual, incluindo a emblemática “boca de raia”, foram construídos na casa

António Duarte, Porto, nas primeiras décadas do século XX. Existem também imagens dessa época que o situam em Coimbra e Guimarães. Através de referências literárias, pesquisas de campo, fotografias, registos fonográficos e cinematográficos, temos hoje conhecimento que nos séculos XIX-XX o cavaquinho figurava no contexto rural em pequenos agrupamentos tais como chuladas e rusgas ao desafio nas romarias (Minho, Porto), nos entretenimentos à desgarrada das espadeladas (Minho); animava as vindimas (Douro); marcava presença urbana entre estudantes (Coimbra, Porto); engrossava as fileiras dos chamados “ranchos folclóricos” (Minho, Porto, Aveiro e Coimbra); e passou a ter grande procura no período de revivalismo da música tradicional portuguesa desencadeado após a revolução de 25 de Abril de 1974 (também na Madeira e Açores).

Embora de reduzido tamanho, o cavaquinho é em certos aspectos um instrumento musicalmente muito completo, capaz de produzir em simultâneo ritmo, harmonia e melodia, através de técnicas de rasgado que lhe são peculiares. É igualmente versátil quanto às diferentes afinações susceptíveis de lhe moldarem o som, sempre animado e confiante. Como solista, desde logo se agiganta em relação aos demais instrumentos de qualquer conjunto, emprestando à música uma energia contagiante, para de seguida revelar o seu lirismo intrínseco, nota por nota, em ambiente mais recolhido.

A cultura do cavaquinho português está de muitas maneiras ligada à “reinvenção” da prática do instrumento sob a influência criativa de Júlio Pereira, marcando em 1981 o início do que se poderá considerar “cavaquinho moderno”, ao demonstrar as mais variadas possibilidades do rasgado para além de uma tradição resgatada ainda a tempo. Explorando novos horizontes musicais e introduzindo inovações técnicas até então ainda não engendradas, o autor deste disco foi contribuindo decisivamente para a criação do *ethos* do executante virtuoso actual. De entre as novas ideias, talvez a mais notável (detectada já em 1995) será o rasgado executado abafando as cordas com a mão esquerda transformando o cavaquinho num instrumento de efeito percussivo, possibilitando assim uma aproximação a universos musicais interculturais cada vez mais diversificados. Por sua mão, o cavaquinho foi levado a contracenar com grandes da cena internacional como os irlandeses Chieftains, o basco Kepa Junkera, e o canadiano James Hill que também participa neste trabalho tocando ukulele.

Desde então, a prática do diminuto cordofone tem vindo a generalizar-se por todo

o território continental, assumindo hoje em dia uma dimensão que se poderá dizer nacional. Este rico património cultural estende-se também além-fronteiras, no seio das diásporas portuguesas e dá-se a conhecer internacionalmente nos palcos do mundo, sempre com grande aceitação e espanto.

Como não poderia deixar de ser, o cavaquinho passou a usufruir desde o início dos anos 1980 de tecnologias de captação directa de som (*pickups*), possibilitando uma maior presença auditiva em situações em que o pequeno tetracórdio tem de competir com instrumentos por natureza com mais volume. A manipulação sonora (equalização) é também facilitada através dos modernos sistemas de captação, permitindo aos responsáveis pelo som em palco um maior controlo qualitativo. Assim, o cavaquinho tornou-se apto a dialogar musicalmente em qualquer formação instrumental.

Com o progressivo contacto do cavaquinho, então essencialmente rural, com músicos urbanos preocupados com questões de entoação e sensíveis a diferentes *nuances* tímbricas, resultaram inovações a nível mecânico-acústico, entendidas como melhoramentos: calibres diferentes para todas as cordas e pestanas móveis individualizadas junto ao cavalete, procurando um temperamento equilibrado em toda a extensão da escala; tampos mais finos e de melhor qualidade tendo em vista obter mais volume e um som menos áspero, mais redondo e encorpado.

Volvidas cerca de três décadas desde o LP *Cavaquinho* que lhe cunhou o título de “o homem do cavaquinho”, Júlio Pereira surge em 2013 com um projecto alargado dedicado à documentação da prática do pequeno cordofone, incluindo várias plataformas de divulgação; um CD/Livro *Cavaquinho.pt*, uma Associação Cultural Museu Cavaquinho e um site *cavaquinhos.pt*, promovendo actividades relacionadas com o estudo etno-organológico, inventariação de executantes e construtores em Portugal e no mundo. O inédito site inclui ainda informação detalhada sobre instrumentos congéneres tais como o machete/ braguinha madeirense, os cavaquinhos brasileiro e caboverdiano, o ukulele havaiano e o keroncong indonésio.

Ainda estará por fazer um estudo sobre os efeitos psicológicos da execução do cavaquinho; no entanto não será novidade a ideia de que esta pequenina viola de fácil transporte promove uma sensação de satisfação e bem-estar entre os tocadores, talvez devido ao carácter declaradamente lúdico do seu rasgado. Felizmente, existe hoje uma

noção mais condigna das potencialidades do cavaquinho tanto em ambiente amador quanto profissional, o que contribui de forma efectiva para a salvaguarda da sua prática no panorama musical em geral. De destacar são as oportunidades de aprendizagem, oferecidas presentemente ao cada vez mais lato número de adeptos que lhe reconhecem mérito nas suas diversas esferas de influência socio-cultural.

O percurso do cavaquinho desde os finais do século XX tem-se revelado sem dúvida um dos de maior sucesso no âmbito da organologia portuguesa de raiz tradicional; trata-se afinal do único exemplo sobrevivente da prática de um tetracórdio de mão com ordens singelas em Portugal continental, que teima em brilhar no século XXI. Com um maior acesso das camadas jovens ao cavaquinho, começaram a surgir já no novo milénio interessantes experiências envolvendo a prática do pequeno tetracórdio em géneros musicais talvez anteriormente pensados improváveis. Estas salutares incursões nos universos da *pop*, *rock*, *metálica* e *folk* electrónica alargam o leque de possibilidades exploratórias do cavaquinho enquanto ferramenta musical já completamente emancipada de (pre)conceitos (ultra)passados, mantendo no entanto a marca de umbigo portuguesa. Por certo muito haverá ainda a construir em torno do cavaquinho, esse pequeno grande tesouro organológico que continua a demonstrar o vigor e a alegria que lhe são tão característicos.

Nuno Cristo, 2017